Fotos: Divulgação



**Berenice voltou em *Cidade de Deus* como Marielle Franco**



**Verônika é uma advogada rica e bem-sucedida**

lução. É um lugar onde a gente começa a abrir portas. É sobre a Roberta, é sobre todo um povo que está ali, que sabe fazer e que não tem as oportunidades certas."

A fala sintetiza uma das questões centrais de sua trajetória. Mesmo tendo participado de produções de enorme repercussão, como a novela *Mulheres apaixonadas* (2003) — que marcou sua estreia na televisão, como uma empregada doméstica —, Roberta passou boa parte da vida profissional ocupando posições secundárias em histórias protagonizadas por outros. Isso não significa, entretanto, que tenha sido uma presença menor. Desde o impacto internacional de *Cidade de Deus*, filme de 2022 que se tornou uma referência do cinema brasileiro e revelou ao mundo uma geração de artistas, a atriz construiu uma relação de identificação com o público que atravessou diferentes formatos e personagens.

Na televisão, esteve em novelas de grande audiência, como *Cabocla* (2004), *Paraíso tropical* (2007) e *Salve Jorge* (2012), e conquistou espaço também na comédia, com o sitcom Tô de Graça. Na aclamada série *Sob pressão*, mostrou outra dimensão de seu trabalho ao participar do especial dedicado à pandemia de covid-19. São experiências que ajudam a compreender a versatilidade de uma intérprete que não se acomoda em um único registro. Ainda assim, a associação popular com a imagem da mulher sensual, a chamada "gostosona", é algo que ela observa com humor, mas também com a consciência de quem deseja ampliar as possibilidades de representação.

"É engraçado esse lugar em que o público me associa, o da gostosona. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas sempre me receberam em outros lugares. Acho que acabam se conectando comigo pela minha arte, por me olharem e, em algum momento, se reconhecerem", afirma. Para ela, o mais importante é justamente poder transitar entre universos distintos, assumindo a responsabilidade de cada personagem e das mensagens que chegam ao público por meio deles.

## Universo jurídico

Em *Verônika com K*, essa transformação exigiu uma preparação cuidadosa. Roberta trabalhou com as preparadoras Fátima Domingues e Isadora Ferretti e participou de encontros com advogadas criminalistas, entre elas Kênia e Alexandra, para compreender as particularidades do universo jurídico. A personagem é uma mulher que alcançou uma condição social muito diferente daquela de sua origem na favela. Rica, elegante, inteligente e independente, ela exerce poder sobre o próprio destino e não teme assumir uma postura predatória quando necessário.

Ela faz questão de afastar qualquer interpretação simplificadora sobre a proximidade entre a origem da personagem e sua própria história. "Acho que foi mais fácil para mim porque a Verônika vem de uma favela. Só que a realidade da Verônika é totalmente diferente da Roberta. São histórias que não conversam em nada. A minha vida é uma outra história e, além de tudo, eu sou uma atriz. Qualquer personagem que seja para eu fazer precisa de uma boa construção", explica.

O estudo também ampliou sua percepção sobre a presença feminina no sistema de Justiça. Ao se aproximar de profissionais da área, a atriz descobriu histórias de mulheres que conquistam vitórias e constroem carreiras importantes nos tribunais, mas que nem sempre recebem a visibilidade merecida. O retorno tem sido significativo. Desde a estreia, ela relata que muitas advogadas a procuram nas ruas para dizer que se reconhecem na personagem e se sentem representadas pela maneira como aquele universo é retratado.

"Estamos tão acostumados com esse lugar do protagonismo masculino que deixamos o espaço das mulheres para trás", observa. Verônika, nesse sentido, apresenta uma mulher que não precisa abrir mão da vaidade, da inteligência, da ambição ou da sensualidade para exercer autoridade. É uma figura complexa, que ocupa o espaço de poder sem pedir licença.

## Mérito e autonomia

A autonomia conquistada na construção da personagem também representa uma mudança na relação de Roberta com a própria profissão. Depois de quase três décadas de trabalho, a atriz diz viver um momento de maior consciência sobre seu merecimento e sobre a importância de sua voz nos processos criativos. Durante a realização da série, participou de discussões sobre a narrativa, sugeriu alterações em cenas, acompanhou o material ainda na fase de montagem e deu opiniões até sobre a abertura. Também pediu que a equipe fosse majoritariamente preta.

"Hoje, eu tenho muita autonomia, até mesmo autonomia para dizer que estou em um lugar de merecimento meu, porque eu sei de toda a minha trajetória. Eu sei o quanto estudei ali no Nós do Morro, o quanto me ressignifiquei enquanto pessoa e enquanto artista para fazer com que as pessoas vissem o quanto eu era boa no que fazia", afirma.

Essa consciência não surgiu de maneira isolada. Roberta reconhece a importância das mulheres que vieram antes e ajudaram a construir as condições para que artistas pretas pudessem reivindicar espaços de maior visibilidade. Ruth de Souza, Chica Xavier e Léa Garcia estão entre as referências que pavimentaram caminhos. Em outra geração, a atriz encontra na trajetória internacional de Viola Davis um exemplo de como talento, posicionamento e poder de produção podem caminhar juntos.

"Ela foi, para essa minha geração, a única mulher que realmente se colocou nesse lugar, que falou e lutou por esse protagonismo, começando a fazer as próprias produções", diz, ao mencionar trabalhos como *A Mulher Rei* e a série *Como defender um assassino*. Para Roberta, acompanhar uma mulher preta em posição de comando, capaz de controlar a própria narrativa, amplia o horizonte do que outras artistas podem imaginar para si.

A reflexão também alcança o mercado brasileiro. A atriz chama atenção para a dificuldade que o país ainda demonstra em valorizar suas próprias produções e seus artistas. Segundo ela, existe uma tendência de reconhecer com mais facilidade o talento quando ele vem de fora, enquanto profissionais brasileiros, especialmente mulheres pretas, continuam enfrentando obstáculos para conquistar oportunidades equivalentes.

"Quando uma mulher preta poderosa fala lá de Hollywood, nas condições em que vive, sobre a luta diária para conseguir se estabelecer no mercado, mesmo sendo uma atriz muito talentosa, a gente transfere isso para o Brasil e entende que o buraco é muito mais embaixo", pondera.

A discussão sobre representatividade não se limita à presença diante das câmeras. Roberta também coloca em pauta as condições materiais de trabalho e a remuneração dos profissionais negros. Em 27 anos de carreira, afirma que nunca recebeu valores realmente compatíveis com a dimensão de seu trabalho. Para ela, a desigualdade se manifesta tanto na distribuição dos papéis quanto no reconhecimento financeiro de quem os interpreta.

"Enquanto atriz preta, passei 27 anos da minha carreira sem nunca receber valores que realmente condissessem com o meu trabalho. Sempre estava recebendo abaixo, tudo era muito abaixo", denuncia. A reivindicação, portanto, não é apenas por mais personagens de destaque, mas pelo direito de construir uma carreira com estabilidade, reconhecimento e retorno econômico proporcional à dedicação e à qualidade da entrega artística.

Essa postura mais consciente também influencia suas escolhas. Roberta conta que, hoje, analisa os projetos ao lado da empresária, considerando não apenas a oportunidade profissional, mas a história que pretende contar e o impacto que ela pode produzir. "Que história é essa que vou contar? Para quem vou contar? Onde vou atingir? Dentro do que acredito que seja uma arte que realmente transforme", resume.